



ORGANIZADORES

Anor Sganzerla

Diego Carlos Zanella

A BIOÉTICA DE V. R. POTTER: 50 ANOS DEPOIS


PUCPRESS

ORGANIZADORES

Anor Sganzerla
Diego Carlos Zanella

A BIOÉTICA DE V. R. POTTER: 50 ANOS DEPOIS


PUCPRESS

Curitiba
2020

©2020, Anor Sganzerla e Diego Carlos Zanella
2020, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ (PUCPR)

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-Reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

PUCPRESS

Coordenação

Michele Marcos de Oliveira

Edição

Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte

Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto

Juliana Almeida Colpani Ferezin

Revisão

Juliana Almeida Colpani Ferezin

Capa e Projeto gráfico

Indianara de Barros

Diagramação

Indianara de Barros

Impressão

Reproset - Indústria Gráfica

Conselho Editorial

Alex Villas Boas Oliveira Mariano

Aléxei Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiotto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amassis Amorim

Eduardo Damião da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR

Biblioteca Central

Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

B615 A bioética de V. R. Potter : 50 anos depois / Anor Sganzerla, Diego Carlos
2020 Zanella, (organizadores). – Curitiba: PUCPRESS, 2020.
224 p. ; 21 cm.

Inclui bibliografias

ISBN 978-65-87802-33-6

ISBN 978-65-87802-34-3 (E-book)

1. Bioética. 2. Bioeticistas. 3. Potter, Van Rensselaer, 1911-2001.
I. Sganzerla, Anor. II. Zanella, Diego Carlos. III. Título.

20-066

CDD 20. ed. – 174.9574

SUMÁRIO

Prefácio	05
<i>Diego Gracia</i>	
Capítulo I: A bioética de Potter ontem e hoje	11
<i>Diego Carlos Zanella & Anor Sganzerla</i>	
Capítulo II: A relevância de Van Rensselaer Potter entre sabedoria e conhecimento	29
<i>Maria Laura Giacobello</i>	
Capítulo III: 50 Anos da “Ciência da Sobrevivência”: <i>a bridge back to the future?</i>	55
<i>Luca Valera</i>	
Capítulo IV: A herança de Potter e seus dividendos contemporâneos	71
<i>Henk A. M. J. ten Have</i>	
Capítulo V: As mil flores da bioética global	83
<i>Amir Muzur & Iva Rinčić</i>	
Capítulo VI: Rumo a uma bioética transdisciplinar: integrando profundidade na ação global futura	99
<i>Peter J. Whitehouse</i>	
Capítulo VII: Reflexões sobre estética, ética e bioética ...	123
<i>Gilberto Cely Galindo</i>	
Capítulo VIII: O itinerário hermenêutico de Potter: da bioética ponte para a bioética global e bioética profunda, social e política	153
<i>José Roque Junges</i>	
Capítulo IX: A busca de V. R. Potter por uma solução global: da prevenção/tratamento do câncer à bioética global	171
<i>James E. Trosko</i>	
Capítulo X: Bioética global: sabedoria para sobreviver ...	199
<i>Sandro Spinsanti</i>	
Sobre os autores	213



PREFÁCIO¹

Transcorridos cinquenta anos desde a contribuição original de Potter, a qual pôs em circulação o termo bioética e deu origem ao surgimento de uma nova disciplina, hoje reconhecida e cultivada em todo o mundo, este é um excelente momento para voltar o olhar para trás, reconstruir o caminho percorrido e refletir sobre o que a bioética significou em seu meio século de história, e, acima de tudo, sobre o que é chamada a ser no futuro próximo.

Hoje se vê com clareza algo que até recentemente era quase impossível de perceber, ou seja, que Potter estava certo quando definiu a bioética como a *ciência da sobrevivência* e não como a nova face de algo que sempre esteve presente na cultura ocidental e que teve sua origem, pelo menos, no *Juramento* de Hipócrates, isto é, como a mera atualização de algo tão clássico quanto a ética médica. Essa ideia de que a bioética era algo parecido com o novo rosto da ética médica clássica era a tese mantida pelos membros do *Kennedy Institute of Ethics da Georgetown University*, em Washington, e a que acabou prevalecendo contra a ideia de Potter. Deve-se dizer, portanto, que o termo “bioética”, assim que apareceu, foi imediatamente sequestrado pelo pensamento mais conservador e tradicional, até ser identificado com a antiga ética médica.

Não foram poucas as razões que poderiam ser apresentadas em favor desta tese. É sabido que a segunda metade do século XX foi a época regia da biomedicina. Algo semelhante ao que aconteceu nas ciências físicas, na primeira metade do século, também aconteceu com ela nesses últimos cinquenta anos. Nesse período, a teoria atômica foi desenvolvida, a relatividade foi descoberta, a mecânica quântica apareceu e, como consequência de todos esses avanços teóricos, nas décadas de 1930 e 1940, especialmente após a descoberta da fissão nuclear em 1938, através do trabalho de Otto Hahn, Fritz Strassmann, Lise Meitner e Otto Frisch, começaram as aplicações práticas. Viu-se que constituía uma nova e fantástica fonte de energia, a atômica, que foi imediatamente aplicada à guerra e que depois disso deu origem ao movimento chamado “átomos para a paz”.

¹ [N. do T.] Tradução de Diego Carlos Zanella.

A primeira metade do século XX foi, sem dúvida, a era de ouro da física, com a descoberta das leis do infinitamente pequeno na ordem da natureza inorgânica. O que ninguém podia suspeitar era que algo semelhante aconteceria no mundo da biologia e da medicina na segunda metade do século. Avery, MacLeod e McCarty descobriram, em 1943, que o portador da informação genética nos *streptococcus* era o DNA. Dez anos depois, em 1953, James Watson, Francis Crick e Rosalind Franklin descreveram a estrutura espacial da molécula de DNA. Após essa descoberta, as novidades se sucederam em efeito cascata. Na década de 1960, a estrutura do chamado “código genético” foi desenvolvida e, na década seguinte, começaram as aplicações práticas, com o surgimento da técnica do DNA recombinante. Assim, começou o que foi então chamado de “engenharia genética”, e, que hoje, é denominado, mais precisamente, de “edição genética”. Pela primeira vez na história, o ser humano se viu com a possibilidade de manipular as informações da vida. O que veio a seguir é bem conhecido: a clonagem, a descoberta de processos de diferenciação e desdiferenciação celular, as células-tronco, as novas técnicas de manipulação genética, CRISPR-Cas9, *prime editing*, etc. Essa revolução operada no mundo da biologia logo passou para a medicina. Basta lembrar o surgimento das técnicas de reprodução assistida (diagnóstico pré-implantação e pré-natal, inseminação artificial, fertilização *in vitro*, barriga de aluguel, etc.). Mas os avanços não afetaram apenas a origem da vida. Uma revolução não inferior ocorreu na fase final da vida.

Hoje, um centro de saúde não é concebido sem uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI), e, muitas vezes, tampouco sem outra Unidade para os Cuidados Paliativos. E técnicas, como, o transplante de órgãos, iniciadas timidamente nos anos de 1960 do século passado, cresceram e se tornaram um recurso essencial na prática médica. E, juntamente com as duas grandes revoluções técnico-científicas operadas em torno da origem da vida e de seu fim, outra revolução não menos importante afetou tudo: o surgimento das chamadas “técnicas de diagnóstico não invasivas” – primeiro foi o ultrassom, logo depois veio a tomografia computadorizada (TAC), posteriormente a ressonância magnética, seguido pela tomografia por emissão de pósitrons (PET), e a enumeração poderia ser continuada.



Não há dúvida de que a segunda metade do século XX foi a idade de ouro da biologia e da medicina. Tanto é assim que é lógico que problemas tenham sido desencadeados na tomada de decisões e que a ajuda da ética tenha sido buscada. É isso que explica que nada mais apareceu, que a nova disciplina que começou a ser chamada de *bioética* foi atraída e monopolizada pela medicina, a ponto de chegar rapidamente aos hospitais, através dos Comitês de Ética, tanto assistenciais quanto em pesquisa. Daí a conclusão alcançada, não por alguns, mas pela maioria dos bioeticistas: que a bioética era mais uma das chamadas “éticas aplicadas”, que tinha a ver com o mundo da pesquisa biológica e da prática da medicina. As éticas aplicadas são muitas: a dos políticos, a dos jornalistas, etc. Bem, uma [ética aplicada] específica seria a bioética, [isto é,] a ética própria dos profissionais em pesquisa biológica e da prática médica.

Passei muitos anos lutando contra esse modo de entender a bioética. Como o próprio nome sugere, e como era o propósito original de Potter, a bioética não é a ética dos profissionais de saúde, mas a “ética da vida”. Não se trata, portanto, de uma ética aplicada, de mais uma junto à ética de políticos, jornalistas, banqueiros, etc. Não é uma ética particular, mas uma ética geral. Como já disse tantas vezes, é a nova face da ética geral, da ética sem mais delongas, no final do século XX e no início do século XXI. A bioética é a ética da vida e não a ética dos médicos. Isso afeta a todos nós e todos fazemos parte disso. Foi um médico da segunda metade do século XIX, Ernst Haeckel, que cunhou o neologismo “ecologia” para designar a disciplina que tinha que lidar com o estudo dos seres vivos, mas não isolados de seu ambiente, mas em seu ambiente, uma vez que sem este não podem viver. Não faz sentido considerar os animais fora de seu ambiente, o que é, de alguma forma, também uma parte essencial deles. E o mesmo acontece no ser humano. Não podemos continuar pensando, como Kant fez no final do século XVIII, que o ser humano é um “fim” em si mesmo, enquanto as outras coisas da natureza são meros “meios”, algo como o quintal da casa do ser humano, onde ele joga fora o lixo e o trata sem consideração ou respeito. Não podemos entender os seres humanos, independentemente do meio. E se somos “fins”, como disse Kant, o ambiente deve de alguma forma participar da mesma condição. Não podemos considerá-lo como um mero

meio que os seres humanos podem usar como bem entenderem. Se nós, humanos, merecemos “respeito”, como Kant disse, essa categoria também deve se aplicar à natureza.

Dizer essas coisas foi provocativo há algumas décadas. Hoje o oposto é verdadeiro. Milagrosamente, todos nós nos convertemos, pelo menos em teoria, ao ambientalismo. E nos dias em que escrevo essas linhas, em meio à crise da covid-19, muito mais. Hoje, todos nós estamos convencidos de que o chamado mundo desenvolvido está em um processo de “desenvolvimento insustentável” e que outra grande parte da humanidade está vivendo um “subdesenvolvimento insustentável”, tão injusto ou mais do que o primeiro. O que podemos não perceber é que a expressão “desenvolvimento sustentável” tem apenas trinta anos. Ela apareceu pela primeira vez no chamado *Relatório Brundtland*,² em 1987. A partir de então, todos nós nos convencemos, mesmo que apenas mentalmente, de que é assim. Bem, a grande tarefa da ética, da bioética, é tornar nossa conversão não apenas mental ou teórica, mas comprometida e prática. Essa é a imensa responsabilidade que a bioética tem diante dela hoje, como seu fundador, Potter, sabia com a maior clarividência. É uma tarefa muito exigente e pode parecer difícil e complexa. Na tentativa de evitar possíveis complicações, a resumi em um lema que ofereço como imperativo moral e norma de vida: “viva frugalmente, pense e aja globalmente”.

Diego Gracia

*Universidad Complutense de Madrid
Fundación de Ciencias de la Salud (Madrid)*

² [N. do T.] O *Relatório Brundtland*, também conhecido como *Nosso Futuro Comum (Our Common Future)*, foi elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1987, e faz parte de uma série de iniciativas, anteriores à *Agenda 21*, as quais reafirmam uma visão crítica do modelo de desenvolvimento adotado pelos países industrializados e reproduzido pelas nações em desenvolvimento, e que ressaltam os riscos do uso excessivo dos recursos naturais sem considerar a capacidade de suporte dos ecossistemas. O relatório aponta para a incompatibilidade entre desenvolvimento sustentável e os padrões de produção e consumo vigentes.





CAPÍTULO I

A BIOÉTICA DE POTTER ONTEM E HOJE

Diego Carlos Zanella

Universidade Franciscana (Santa Maria/RS)

Anor Sganzerla

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (Curitiba/PR)

Como já é amplamente conhecido, é muito comum atribuir a Van Rensselaer Potter (1911-2001), oncologista estadunidense, a introdução do termo “bioética”, em 1970, quando se referia à solidariedade com a biosfera, gerando uma bioética global, uma nova disciplina entendida como uma “ponte” entre biologia, ecologia, medicina e valores humanos, a fim de alcançar a sobrevivência dos seres humanos e outras espécies animais. Seja como for, a verdade é que a bioética é chamada de “bioética” porque seus criadores, Fritz Jahr (1895-1953), em 1927, e Van Rensselaer Potter, em 1970, pensavam em uma fusão de discursos. Jahr fez isso a partir de sua leitura de Immanuel Kant (1724-1804) e propôs falar de um “imperativo bioético” que protegeria a vida em todas as suas formas. Potter pensou em uma ciência da sobrevivência, uma bioética global que tornaria solidários os habitantes do planeta Terra.

Em 1970, o oncologista estadunidense introduziu a “ciência da sobrevivência”, para a qual cunhou o termo “bioética”. Dessa maneira, ele estabeleceu a base para uma nova ciência, cujo objetivo era proteger todos os seres humanos e, em geral, todos os seres vivos, dos perigos causados

pelas descobertas e aplicações das novas ciências médicas e suas tecnologias. Ao introduzir a ciência bioética, o objetivo de Potter era proteger todos os seres vivos dos seres humanos, ou seja, proteger toda a natureza dos riscos e perigos que poderiam surgir dos desenvolvimentos e aplicações das ciências orientadas para o mundo dos vivos. Portanto, sua preocupação não era estritamente antropológica. Pelo contrário, era muito mais ampla, pois também incluía animais e plantas, ou seja, todos os seres vivos, inclusive a natureza. Deste ponto de vista, sua preocupação era, em termos modernos, ambiental. Nesse sentido, e tendo isso em mente, o objetivo desse capítulo é o de apresentar a bioética de Potter nos contextos de surgimento da palavra 'bioética', isto é, nos Estados Unidos e na Alemanha. Além do mais, também pretende-se mostrar a recepção desse pensamento no continente latino-americano, e, especialmente, no Brasil.

A BIOÉTICA DE POTTER NOS CONTEXTOS DE ORIGEM DO TERMO

O surgimento da palavra 'bioética' foi muito instrutivo. Conforme Warren Thomas Reich, "o campo da bioética começou com a palavra *bioética* porque a palavra é muito sugestiva e poderosa; sugere um novo foco, uma nova reunião de disciplinas de uma nova maneira com um novo fórum que tendia a neutralizar a inclinação ideológica que as pessoas associavam à palavra *ética*".¹ Para se compreender a importância desse novo termo, é útil lembrar alguns dos indivíduos e organizações de destaque envolvidos no nascimento da bioética. No final da década de 1960, Jonsen observou que o foco nas conferências de ética médica havia sido alterado para três institutos recém surgidos: *The Institute of Society, Ethics and the Life Sciences* (o atual *The Hastings Center*, fundado em 1969), *Joseph and Rose Kennedy Institute for the Study of Human Reproduction and Bioethics* (o atual *Kennedy Institute of Ethics*, fundado em 1971), e *The Society for Health and Human Values* (fundada em 1969). O filósofo Daniel Callahan (1930-2019), os teólogos protestantes Paul Ramsey (1913-1988) e James Gustafson (1925-) e

¹ REICH, W. T. How Bioethics Got Its Name. *Hastings Center Report*, v. 23, n. 6, 1993, p. 6-7 (Special Supplement: The Birth of Bioethics). p. 7. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3562928>.



o farmacologista Robert M. Veatch (1939-) foram influentes no lançamento do *The Hastings Center*.² O filósofo Hans Jonas (1903-1993) foi convidado por Daniel Callahan para atuar no *The Hastings Center*, e sua atuação foi tão marcante que passou a ser considerado como sócio-fundador do centro. O *Kennedy Institute of Ethics*, fundado junto à *Georgetown University*, se beneficiou notavelmente da visão de André Hellegers (1926-1979) e do apoio de Eunice Kennedy Shriver (1921-2009) e da *Joseph P. Kennedy Jr. Foundation*. Pela formação médica, Hellegers era obstetra e ginecologista, mas, considerando seus interesses em filosofia e teologia, ele encontrou a “agradável atmosfera da universidade jesuíta”³ e, como no *The Hastings Center*, os teólogos foram influentes nesses primeiros anos. Em 1971, os dois primeiros pesquisadores do *Kennedy Institute of Ethics* eram o teólogo menonita LeRoy Walters (1940-) e Warren Thomas Reich, ex-teólogo moral da *Catholic University of America*. Na sequência, outros teólogos foram se integrando, incluindo Charles E. Curran (1934-), Richard A. McCormick (1922-2000), Gene Outka, John Connery e, em 1975, James F. Childress (1940-), também teólogo por formação, que veio da *University of Virginia*.⁴ Em 1998, *The Society for Health and Human Values* fundiu-se com a *Society for Bioethics Consultation* para formar a *American Society for Bioethics and Humanities*. Assim como o *Kennedy Institute of Ethics* e o *The Hastings Center*, as raízes da *American Society for Bioethics and Humanities* também são teológicas e religiosas, uma vez que a *The Society for Health and Human Values* se originou em meados dos anos 1960 como uma colaboração das Igrejas Metodista e Presbiteriana em educação médica e teologia.⁵

Na história de bioética – amplamente referenciada – de Jonsen, os fundadores e estudiosos desses três institutos figuram com destaque, e a narrativa de Jonsen implica uma transição natural de uma nova ética médica dentro dessas estruturas para uma nova medicina pós-Segunda Guerra Mundial,

² Cf. JONSEN, A. R. *The Birth of Bioethics*. Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 19ss.

³ JONSEN, A. R. *The Birth of Bioethics*. Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 22.

⁴ Cf. JONSEN, A. R. *The Birth of Bioethics*. Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 23.

⁵ Cf. JONSEN, A. R. *The Birth of Bioethics*. Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 19ss.



significativamente marcada pelo novo termo “bioética”. Ao refletir sobre o advento da bioética, mas quase duas décadas depois, Engelhardt observa:

Uma nova palavra, com frequência, nos permite nomear elementos da realidade de uma maneira que transmite um novo controle sobre nosso ambiente cultural. Muitas vezes, não é a precisão de uma palavra a sua fonte de poder e utilidade. Na verdade, é a imprecisão, a falta de clareza, que nos permite nomear e reunir a um só tempo muitas áreas de interesse. Uma palavra adequada pode agregar um rico conjunto de imagens e significados que nos ajudam a ver relações entre elementos da realidade que estavam anteriormente separados em nossa visão e eram considerados apenas como disparatados. Uma palavra desse tipo tem uma ambiguidade fértil ou estratégica. Esse foi o caso de “bioética” [...]. A palavra “bioética” prestou um serviço brilhante ao reunir um grupo amplo de interesses culturais importantes. O termo era profundamente heurístico.⁶

O ponto de vista amplamente difundido, representado por Jonsen, é que o termo bioética teve um “duplo nascimento”, entre 1970-1971, com duas visões notavelmente diferentes sobre o que o termo bioética implicaria.⁷ Jonsen aponta para o oncologista Van Rensselaer Potter (1911-2001) como o primeiro a começar a escrever sobre bioética em um artigo de 1970, *Bioética: A Ciência da Sobrevivência*,⁸ que foi seguido por um livro, em 1971, *Bioética*:

⁶ ENGELHARDT, JR., H. R. Apresentação. POTTER, V. R. *Bioética global: construindo a partir do legado de Leopold*. São Paulo: Loyola, 2018. p. 27; 29.

⁷ Cf. JONSEN, A. R. *The Birth of Bioethics*. Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 27. Cf. REICH, W. T. The Word “Bioethics”: Its Birth and the Legacies of those Who Shaped it. *Kennedy Institute of Ethics Journal*, v. 4, n. 4, 1994, p. 319-335. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/245721>. Cf. REICH, W. T. The Word “Bioethics”: The Struggle Over Its Earliest Meanings. *Kennedy Institute of Ethics Journal*, v. 5, n. 1, 1995, p. 19-34. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/245728>.

⁸ Cf. POTTER, V. R. Bioethics. The Science of Survival. *Perspective in Biology and Medicine*, v. 14, n. 1, 1970, p. 127-153. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/pbm.1970.0015>.



Ponte para o Futuro.⁹ A visão de Potter deve ser vista como uma extensão da ética da terra de Aldo Leopold (1887-1948) para incluir todos os elementos do ambiente humano. A dedicatória de *Bioética: Ponte para o Futuro* é para Aldo Leopold, especialmente em uma parte de sua obra, na qual se refere aos três tipos de ética: o primeiro entre os indivíduos (por exemplo, o Decálogo), o segundo entre os indivíduos e a sociedade (por exemplo, a Regra de Ouro); o terceiro consiste em uma extensão dessa sequência a considerações ecológicas.¹⁰ A bioética, como Potter a imaginou, deveria se concentrar em muito mais do que apenas em questões éticas médicas, levando em consideração todas as questões biológicas, comunitárias, culturais e relacionais do ser humano na ecologia do mundo natural. Ao buscar tal harmonia, Potter procurou unir as “duas culturas” das ciências e das humanidades.¹¹ Isso envolveu tanto uma expansão para além das interpretações mecanicistas da biologia quanto das visões imateriais da ética. Portanto, biologia e sabedoria estão intimamente ligadas para Potter, e ele não se esquivou de conectar essas atividades à sobrevivência da humanidade, atualmente empenhada em consumir tecnológica e economicamente os recursos finitos do mundo físico.¹² Potter une as observações de trinta anos de pesquisa em oncologia ao lado da filosofia ambiental e de filósofos, cientistas e espiritualistas, como Teilhard de Chardin (1881-1955), por exemplo. Para muitos familiarizados apenas com a literatura bioética da última década, é provável que o “Credo Bioético” de Potter pareça totalmente desconexo da bioética contemporânea. O credo de Potter integrou cinco declarações de crenças e compromissos em relação à aceitação pessoal de crises ecológicas globais, ao papel da humanidade nessas crises, à singularidade da relação indivíduo-sociedade, à inevitabilidade do sofrimento humano com o compromisso de

⁹ Cf. POTTER, V. R. *Bioética: ponte para o futuro*. São Paulo: Loyola, 2016.

¹⁰ Cf. POTTER, V. R. *Bioética: ponte para o futuro*. São Paulo: Loyola, 2016. p. 19. Cf. também: LEOPOLD, A. *A ética da terra*. PESSINI, L.; SGANZERLA, A.; ZANELLA, D. C. (Orgs.). *Van Rensselaer Potter: um bioeticista original*. São Paulo: Loyola, 2018. p. 226-227.

¹¹ Cf. ZANELLA, D. C. *Humanidades e ciência: uma leitura a partir da bioética de Van Rensselaer Potter*. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 22, n. 65, 2018, p. 473-480. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0914>.

¹² Cf. POTTER, V. R. *Bioética: ponte para o futuro*. São Paulo: Loyola, 2016. p. 27ss.



não aceitar passivamente novos sofrimentos causados pela humanidade, e à aceitação da finitude e da finalidade da vida, conforme necessário, para promover a vida geracional.¹³ Em resumo, para Potter,

[a] bioética, como eu [Potter] a imagino, tentaria gerar sabedoria, o conhecimento de como usar o conhecimento para o bem social a partir de um conhecimento realista da natureza biológica humana e do mundo biológico. Para mim [Potter], um conhecimento realista do ser humano é um conhecimento que inclui seu papel como um sistema de controle adaptativo com tendências de erro incorporadas. Essa visão mecanicista, que combina elementos reducionistas e holistas, seria totalmente incapaz de gerar sabedoria, a menos que fosse complementada tanto com a perspectiva humanista quanto com a perspectiva ecológica [...]. O mundo atual é dominado por políticas militares e por uma ênfase exagerada na produção de bens materiais. Nenhum desses empreendimentos tem apresentado qualquer pensamento sobre os fatos básicos da biologia. Semear acordos biológicos em nível internacional é uma tarefa urgente para a bioética.¹⁴

Ainda na narrativa de Jonsen, André Hellegers foi a segunda figura a inaugurar o termo bioética e, não surpreendentemente, seu uso do termo é aquele que ganhou reconhecimento dentro da área. Em vez de encarar a ética como um termo amplo e inclusivo que aborde a ecologia, a biologia, a filosofia e a espiritualidade, como em Potter, Hellegers e outros na *Georgetown University* viam a ética como “um exame rigoroso com base em

¹³ Cf. PESSINI, L. As origens da bioética: do credo bioético de Potter ao imperativo bioético de Fritz Jahr. *Revista Bioética*, v. 21, n. 1, 2013, p. 9-19. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-80422013000100002>. Cf. PESSINI, L. No berço da bioética: o encontro de um credo, com um imperativo e um princípio. *Revista Colombiana de Bioética*, v. 8, n. 1, 2013, p. 32-54. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189228429003>.

¹⁴ Cf. POTTER, V. R. *Bioética: ponte para o futuro*. São Paulo: Loyola, 2016. p. 51-52.



normas morais”.¹⁵ O modelo de bioética apresentado pelo *Kennedy Institute of Ethics* tornou-se a versão difundida de bioética, além disso, muitos dos primeiros trabalhos essenciais em bioética – incluindo a *Encyclopedia of Bioethics* (1978), editada por Warren Thomas Reich,¹⁶ o artigo de Daniel Callahan, *Bioethics as a Discipline* (1973),¹⁷ e outros textos fundamentais da bioética estadunidense – não mencionam a visão de Potter da bioética.¹⁸ A diferença entre as duas visões é forte, e é fácil focar a visão de Potter como uma ética cosmológica ou global, enquanto que a visão de Hellegers e do *Kennedy Institute of Ethics* se concentra em uma ética médica restrita, mas, como Reich demonstra, o assunto é mais complicado. Primeiro, Potter usou o termo bioética “global” de uma maneira ambígua que poderia:

i) relacionar ou envolver toda a terra: uma ética mundial para o bem do mundo; ii) implica a inclusão abrangente de todas as questões éticas nas ciências da vida e na assistência à saúde (tanto as questões “biomédicas” quanto as “ambientais” deste debate clássico); e iii) utilizar uma visão abrangente de métodos para abordar essas questões: incorporar de forma abrangente todos os valores, conceitos, modos de raciocínio e disciplinas relevantes.¹⁹

¹⁵ JONSEN, A. R. *The Birth of Bioethics*. Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 27.

¹⁶ Warren Thomas Reich foi o editor-chefe das duas primeiras edições da *Encyclopedia of Bioethics*, em 1978 e em 1995. A terceira edição, de 2004, teve como editor-chefe Stephen G. Post, que havia sido editor-associado da segunda edição. A quarta e atual edição da enciclopédia passou a ser designada apenas por *Bioethics*, e tem como editor-chefe Bruce Jennings (cf. JENNINGS, B. (Ed.) *Bioethics*. 6 vol. Farmington Hills: Gale Cengage Learning, 2014).

¹⁷ Cf. CALLAHAN, D. A bioética como disciplina. *Thaumazein*, v. 10, n. 19, 2017, p. 99-108. Disponível em: https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/thaumazein/article/view/1975/pdf_1.

¹⁸ Cf. REICH, W. T. The Word “Bioethics”: The Struggle Over Its Earliest Meanings. *Kennedy Institute of Ethics Journal*, v. 5, n. 1, 1995, p. 19-34. p. 24. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/245728>.

¹⁹ REICH, W. T. The Word “Bioethics”: The Struggle Over Its Earliest Meanings. *Kennedy Institute of Ethics Journal*, v. 5, n. 1, 1995, p. 19-34. p. 24. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/245728>.



Potter parece ter enfatizado todos os três aspectos da bioética global como bioética em momentos diferentes, enquanto o modelo proposto pelo *Kennedy Institute of Ethics* tratava inconfundivelmente a ética médica como bioética, estreitando consideravelmente o seu foco. Além disso, a experiência de Potter em oncologia, sem dúvida, influenciou seu desejo de procurar medidas preventivas, saúde ambiental, políticas agrícolas, bem como educação global em saúde e, em termos gerais, esses objetivos estão alinhados ao trabalho de Hellegers e de outros autores ligados ao *Kennedy Institute of Ethics* sobre “o desequilíbrio mundial entre os poderosos e os impotentes”²⁰ e a infertilidade humana global em meio a problemas sociais e econômicos nos países em desenvolvimento. Reich argumenta que a mensagem abrangente de Hellegers abordava muito mais que questões superficiais e processuais e que as formas de formulação de debates em bioética “imploravam a questão de por que estamos na medicina em primeiro lugar”. Em suma, “implícita e indiretamente”, Hellegers reconheceu “deficiências” no modelo de bioética da *Georgetown University*, enquanto “participava com entusiasmo”.²¹ Sem dúvida, em parte devido à força do nome da *Georgetown University* e ao financiamento concedido a Hellegers com sucesso, a bioética se tornou um neologismo associado principalmente aos problemas do campo biomédico.

Além da história de Jonsen, que fala principalmente de Hellegers e quase nada de Potter, podemos ver um uso ainda mais cedo do termo bioética em uma publicação de 1927, do pastor e filósofo protestante Fritz Jahr.²² Hans-Martin Sass vê a mensagem de Jahr como uma terceira direção possível para a bioética. Hellegers, Potter e Jahr, todos buscaram uma visão renovada “para a ética e a moralidade em tempos de novas tecnologias e

²⁰ Cf. REICH, W. T. The Word “Bioethics”: The Struggle Over Its Earliest Meanings. *Kennedy Institute of Ethics Journal*, v. 5, n. 1, 1995, p. 19-34. p. 25. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/245728>.

²¹ REICH, W. T. The Word “Bioethics”: The Struggle Over Its Earliest Meanings. *Kennedy Institute of Ethics Journal*, v. 5, n. 1, 1995, p. 19-34. p. 28. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/245728>.

²² Cf. JAHR, F. A Seed for Integrative Bioethics: Articles by Fritz Jahr. MUZUR, A.; SASS, H.-M. (Eds.). *Fritz Jahr and the Foundations of Global Bioethics*. Zürich: Lit Verlag, 2012. p. 1-56. Cf. JAHR, F. Ensaio de bioética e ética (1926-1947). PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. (Orgs.). *Bioética clínica e pluralismo: com ensaios originais de Fritz Jahr*. São Paulo: Loyola, 2013. p. 457-514.



culturas em mudança”,²³ mas Jahr difere de Potter e Hellegers ao seguir um caminho distintamente teológico e filosófico para abordar as implicações éticas inerentes a todas as formas de vida. Sass transpõe a linguagem de Jahr, “usando a redação de Reich”, para articular a visão de Jahr sobre a bioética como “o estudo sistemático da conduta humana na área das ciências da vida e o compromisso moral pessoal, profissional e público e a conduta em relação a todas as formas de vida, na medida em que essa conduta é examinada à luz dos valores e princípios morais”.²⁴

Essa linguagem transposta pode parecer familiar à bioética contemporânea, e, no entanto, o que surge principalmente em Jahr é uma estreita relação com o pensamento do século XIX nas ciências da vida que não poderia estar mais distante da bioética contemporânea. Sass aponta para figuras como Wilhelm Wundt (1832-1920) e Theodor Fechner (1801-1887) como exemplos de um afastamento do dualismo cartesiano entre corpo e alma, concentrando-se em objetivos e interações teleológicas “de e entre ambientes vivos e sensoriais e seres vivos e sensoriais”.²⁵ Juntamente com a biofísica e a bioquímica, Rudolf Eisler (1873-1926) propôs a “biopsíquica” como uma maneira de compreender a atividade voluntária de todas as formas de vida.

A bioética de Jahr, portanto, pode ser vista como uma fusão de biologia e psicologia, levando Jahr a apontar para exemplos tão variados quanto o amor de São Francisco de Assis (1181-1226) pelos animais e o entusiasmo de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) pela natureza. Para a bioética, esse contexto pode parecer distante, mas Jahr emergiu desse cenário, transformando o imperativo categórico de Immanuel Kant (1724-1804) em um “imperativo bioético”, fundado na premissa *a priori* de que toda a criação é sagrada. Esse imperativo bioético baseia-se no amor e na compaixão por

²³ SASS, H.-M. Fritz Jahr’s 1927 Concept of Bioethics. *Kennedy Journal of Ethics Journal*, v. 17, n. 4, 2007, p. 279-295. p. 280. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/232634>.

²⁴ SASS, H.-M. Fritz Jahr’s 1927 Concept of Bioethics. *Kennedy Journal of Ethics Journal*, v. 17, n. 4, 2007, p. 279-295. p. 282. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/232634>.

²⁵ SASS, H.-M. Fritz Jahr’s 1927 Concept of Bioethics. *Kennedy Journal of Ethics Journal*, v. 17, n. 4, 2007, p. 279-295. p. 280. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/232634>.



todas as coisas, na Regra de Ouro²⁶ e nos deveres morais inerentes a si mesmo sob a bandeira da “responsabilidade pessoal em saúde”.²⁷

Ao comparar e contrastar Hellegers, Potter e Jahr, é possível estabelecer uma semelhança maior entre as amplas implicações de Jahr e Potter do termo bioética, e, no entanto, ambas as visões caíram no esquecimento. O foco biomédico de Hellegers para a bioética, ao contrário, ganhou supremacia, como evidenciado pela visão posterior de Potter e renomeada como “bioética global”.²⁸ Há, sem dúvida, outras maneiras de analisar melhor o legado desse neologismo, mas é preciso observar a ordem secular e teórica que acompanhou o uso da bioética por Hellegers, independentemente de suas intenções. O dilema secular da bioética é paralelo ao dilema da filosofia moral moderna, isto é, como se a análise dos conceitos e pressupostos morais pudesse ocorrer quando a existência fundamental desses conceitos e pressupostos permanece em questão. Tal manobra reduz a filosofia moral moderna a um exame ou análise dos conceitos à luz de certos “fatos” que permanecem sem exame, e todo o esforço opera no nível de uma refinada análise teórica, enquanto suspende o julgamento dos “fatos” subjacentes a essa análise. Em outras palavras, a filosofia moral moderna e a bioética são postas como ferramentas de análise em meio a um ambiente neutro com valores suspensos. Sobre isso, pode-se considerar a descrição de Engelhardt do que ocorreu quando visões bioéticas como as de Jahr e Potter foram abandonadas.

De um modo geral, o termo bioética tem sido usado para identificar a análise disciplinada dos pressupostos morais e conceituais da medicina, das ciências biomédicas e das profissões de saúde afins. Como tal, tornou-se uma área especial da filosofia e da ética, ainda que seus

²⁶ A regra de ouro é mencionada duas vezes na Bíblia, veja-se: “Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles. Esta é a Lei e os profetas” (Mt 7,12). “O que quereis que os homens vos façam, fazei-o também a eles” (Lc 6,31).

²⁷ SASS, H.-M. Fritz Jahr’s 1927 Concept of Bioethics. *Kennedy Journal of Ethics Journal*, v. 17, n. 4, 2007, p. 279-295. p. 286. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/232634>.

²⁸ Cf. POTTER, V. R. *Bioética global: construindo a partir do legado de Leopold*. São Paulo: Loyola, 2018.



praticantes não tivessem educação formal em nenhuma dessas duas áreas.²⁹

Enquadrada dentro da filosofia moral moderna, secular e teórica, a bioética – como praticada nos Estados Unidos – prossegue com uma aceitação baseada em narrativas como a de Jonsen, por exemplo, na qual a bioética das décadas de 1960 e 1970 surgiu como um substituto capaz da ética tradicional da medicina que não conseguiu acompanhar as novas realidades tecnológicas e científicas. A bioética, então, existe primariamente como um conjunto de ferramentas analíticas “aceitas” ou selecionadas pelas forças existentes e o contexto para essa aceitação é uma “ordem neoliberal e modernista”, na qual “o consumismo e o pensamento transacional são avançados, em nome da autonomia individual, acima dos valores da comunidade e da responsabilidade comunitária. O resultado não é moralmente rico, mas sim eticamente neutro, o registro de um contador, em vez do registro de um moralista”.³⁰

A BIOÉTICA DE POTTER NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO E BRASILEIRO

O campo da bioética foi erguido nos Estados Unidos, como produto tipicamente estadunidense, com princípios e características que pudessem dar conta dos interesses e dos problemas daquela sociedade. Dois locais são considerados o berço da bioética nos EUA: em 1970, na cidade universitária de Madison, na Universidade de Wisconsin, com Van Rensselaer Potter, e, em 1971, com o *The Kennedy Institute of Ethics*, da Universidade de Georgetown, em Washington, com André Hellegers. O primeiro preocupado com os avanços e descompasso entre as ciências com as humanidades e o segundo na busca de uma ética médica.

²⁹ ENGELHARDT, JR., H. R. Apresentação. POTTER, V. R. *Bioética global: construindo a partir do legado de Leopold*. São Paulo: Loyola, 2018. p. 29.

³⁰ KOCH, T. *Thieves of Virtue: When Bioethics Stole Medicine*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 2012. p. 9.







Van Rensselaer Potter (1911-2001) já era um cientista internacionalmente conhecido, quando, em 1970, publicou seu artigo seminal que (re)criou o conceito de bioética, a saber, *Bioética: A Ciência da Sobrevivência*. No ano seguinte, em 1971, publicou seu livro pioneiro: *Bioética: Ponte para o Futuro*, e alguns anos depois, em 1988, *Bioética Global*, seu segundo livro sobre o tema, o qual procurava ampliar os horizontes da bioética. Nesse livro, disse: “A bioética global é proposta como um programa secular de evolução de uma moralidade que demandará decisões na assistência médica e na preservação do ambiente natural. É uma moralidade de responsabilidade. Embora descrita como um programa secular, ela não deve ser confundida com o humanismo secular. A bioética global pode coexistir com o humanismo secular desde que se possa concordar que as leis naturais que governam a biosfera – de fato, o Universo – não vão mudar de acordo com os desejos de indivíduos, governos ou preferências religiosas. [...] A bioética continua sendo o que era originalmente – um sistema de moralidade baseado em conhecimento biológico e valores humanos, com a espécie humana aceitando a responsabilidade pela própria sobrevivência e pela preservação do ambiente natural” (V. R. Potter, *Bioética global*).


PUCPRESS

ISBN 978-65-87802-33-6



9 786587 802336